

# Entrevista com Daniella Domingues

por Eduardo Jesus

## **(EJ) Como começou seu interesse pela arte?**

(DD) Meu interesse pela arte não é algo que consigo localizar no tempo. Na verdade nunca consegui pensar em trabalhar com qualquer outra coisa, o que tem levado a algumas decisões bastante difíceis. Escolher a arte pode ser bem complicado, dependendo do contexto.

Comecei meus estudos no Instituto de Artes da Unesp em São Paulo em 2000. Optei por Educação Artística pela possibilidade de estudar música e teatro nos dois primeiros anos. De fato esses cruzamentos foram muito frutíferos.

Me aproximei de pessoas que me influenciam até hoje, além de serem grandes amigos. Formávamos pequenos grupos de estudo independentes, propunhamos intervenções e mostras temporárias fora de qualquer programa de disciplinas do curso. Minha grande companheira de investigações independentes era a Priscilla Davanzo, artista com trajetória de pesquisa em performance de mais de quinze anos. Um fato importante é que éramos obcecadas com todas as propostas construtivistas, eu em especial com De Stijl e aqui surgiu então um interesse que consigo de certa forma localizar no tempo: pelo design gráfico.

## **(EJ) Essa presença do design gráfico tangencia sua produção que transita entre a interveção e a documentação. Como você maneja essas áreas e estratégias em sua produção?**

(DD) A partir de 2002 comecei um aprofundamento na prática do design que perdura ainda hoje, tendo trabalhado em diversos estúdios em São Paulo e como freelancer para um outro tanto de clientes. Dentro do tipo de experiência que busquei no design, sempre procurei operar dentro de um sistema, construir uma metodologia adequada para cada situação, considerando sempre a natureza e as necessidades do objeto. Reunir o maior número de informações possíveis sobre o objeto ou contexto, para só então intervir. Isso tem muito a ver com minha maneira de estruturar o projeto de arte.

É claro que presenciar de tão perto esse processo incessante de criação de

imagem e atribuição de valor influenciou muito minhas escolhas artísticas, minhas preocupações com relação ao mundo material e ao que mais colocar nele; adoto restrições, que faço questão de me impor, como regras do jogo na hora de projetar.

Quando resolvi me reaproximar da pesquisa artística, a quatro anos atrás, tive um contato muito interessante com Marcius Galan<sup>1</sup> em um workshop. Ele me disse: "Essa experiência com o design nunca vai sair de você, e não é problema: vai influenciar sua maneira de aproximar os objetos. Comece a ficar mais consciente disso e tire proveito. Nada se joga fora". É esperado do design respostas a um certo tipo de problemática: visual, comercial, ergonômica etc. Porém quando estou operando no universo da pesquisa artística estou adentrando a órbita da especulação, do vir a ser, das possibilidades, da elaboração de questões. Isso modifica em tudo o caráter do projeto, que tende logicamente a se afastar da função e da resposta. Não tenho, dentro do campo da arte, o compromisso de apresentar soluções.

**(EJ) Seu trabalho muitas vezes parte do espaço urbano e de suas questões. Como surgiu esse interesse pela cidade e seus fluxos?**

(DD) Nasci e cresci na Zona Leste de São Paulo. Obviamente uma cidade enorme e cada saída de casa para resolver qualquer coisa fora do bairro resulta em um deslocamento imenso. Durante as décadas de 80 e 90, vivi esses deslocamentos, sempre com muito entusiasmo e curiosidade. Qualquer evento desses sempre envolvia no mínimo uma viagem de metrô e dependendo do destino mais uma ou duas viagens de ônibus. Existem coisas em São Paulo que você só faz de carro se for louco. Meu pai sempre se recusou terminantemente a dirigir até o centro e abria exceções apenas em casos essenciais, mas acho que esses nunca existiram. No final da década de 90 os deslocamentos foram ficando maiores e mais frequentes, ao mesmo tempo em que meu senso crítico se desenvolvia conforme dinâmicas sociais e espaciais se tornavam mais claras pra mim.

No início de 2002 aconteceu o Arte/Cidade Zona Leste<sup>2</sup>. Além das intervenções parte do evento, vários grupos de artistas alugaram ou ocuparam galpões ao longo da Radial Leste criando uma programação paralela ao Arte/Cidade. Foi uma experiência muito intensa pra mim buscar todas as intervenções, caminhar a pé por lugares onde eu só passava dentro do ônibus ou do trem do metrô e também um momento de perceber que havia muito o que se compreender a respeito das dinâmicas socio-espaciais e da

região onde eu vivia.

Mais tarde me deparei com um estudo sobre a Zona Leste coordenado por Raquel Rolnik<sup>3</sup>. Ler aquilo foi fascinante. Consegui a partir daí tecer cruzamentos entre momentos importantes da urbanização da cidade e da trajetória da minha família que me forneceram respostas precisas acerca do que determina seu lugar na cidade. Essas dinâmicas começaram a me interessar muito, principalmente as que se explicitam através do deslocamento. Certas regiões – e isso pode oscilar entre centro e periferia, dependendo do momento que a região em questão vive – carregam estigmas muito fortes de pobreza e violência. Essas concepções se explicitam com o deslocamento do indivíduo oriundo de áreas estigmatizadas para os locais de urbanização dita consolidada. Acontece aí o que eu resolvi chamar de "constrangimento geográfico". Esse constrangimento é um poderoso desarticulador e resulta numa grande dificuldade dessas pessoas em desenvolverem qualquer sentimento de pertencimento à cidade como um todo.

Desde então reúno notas e fragmentos sobre esses temas; manejo essas informações e percepções como meu objeto de pesquisa e vou, a partir daí, lentamente construindo minhas propostas.

**(EJ) O trabalho que você apresenta no Memorial Minas Gerais Vale é um desses processos de sistematização, levando em conta as tensões típicas do espaço urbano. Dessa vez o foco são os carros, os espaços vazios e os estacionamentos. Conte-nos sobre sua proposta.**

(DD) Como disse anteriormente os fluxos da cidade sempre me interessaram. A elaboração desse projeto é o terceiro exercício expositivo em torno dos estacionamentos, que venho tratando desde 2013.

Em Célula/Vaga trabalho com uma possibilidade hipotética de acesso ao espaço de uma vaga. Ao reconhecer o estacionamento como um espaço transitório, destinado apenas à guarda de bens e limitado à permanência de pessoas, o trabalho propõe, no campo hipotético, um acesso híbrido a esse espaço: possível ao abrigo e à permanência de pessoas.

Não podemos nos esquecer de que um veículo, mesmo quando usado diariamente pelo seu proprietário, tende a passar cerca de 80% de sua vida útil parado.

Então, na presença de um automóvel uma vaga se torna um espaço inexistente; mas o mais absurdo da questão é que na ausência dele, é ainda um espaço impossível... E essa presença/ausência anuladora de espaço é pouco ou quase nada questionada, tanto em via pública quanto em estacionamentos privados.

Na tentativa de implantar uma célula habitável, frágil e precária, dentro de um estacionamento privado empreendo, contraditoriamente, uma nova camada de privatização desse espaço, explicitando sua potencialidade a partir de um reforço dessa norma.

\*

**Eduardo Jesus** é professor do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. Atua na Associação Cultural Videobrasil. É curador com atuação na área do audiovisual, arte contemporânea e tecnologia.

1. Marcius Galan, artista paulistano com longa carreira anterior no design gráfico  
<http://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/marcius-galan/>
2. Série de mostras internacionais focadas em intervenções urbanas e práticas espaciais organizadas por Nelson Brissac Peixoto.
3. ROLNIK, Raquel. "Reestruturação urbana da metrópole paulistana: análise de territórios em transição". São Paulo: PUC, 2004.

# Interview with Daniella Domingues

by Eduardo Jesus

## **(EJ) How did your interest in art begin?**

(DD) My interest in art is not something that I can locate in time. I've never actually been able to think about working with anything else, which has led to some very difficult decisions. Choosing art can be quite tricky, depending on the context.

I started my studies at the Unesp Institute of Arts in São Paulo in 2000. I opted for Artistic Education because of the possibility of studying music and theater in the first two years. In fact, these crossings were very fruitful. I approached people who influence me until today, in addition to being great friends.

We formed small independent study groups, proposed interventions and temporary exhibitions outside any program of course subjects. My great companion in independent investigations was Priscilla Davanzo, an artist with a research background in performance for over fifteen years. An important fact is that we were obsessed with all the constructivist proposals, me in particular with *De Stijl* and here began an interest that I can somehow locate in time: for the graphic design.

## **(EJ) The presence of graphic design touches your production, that transits between the intervention and the documentation. How do you manage these areas and strategies in your production?**

(DD) From 2002 I started to deepen the practice of design that persists today, having worked in several studios in São Paulo and as a freelancer for a number of clients. Within the type of experience I sought in design, I always tried to operate within a system, to build an appropriate methodology for each situation, always considering the nature and needs of the object. Gather as much information as possible about the object or context, only then to intervene. This has a lot to do with my way of structuring the art project.

It is clear that witnessing this incessant process of image creation and attribution of value so closely influenced my artistic choices, my concerns about the material world and what else to put in it; I adopt restrictions, which I insist on imposing, like rules of the game when designing.

When I decided to reconnect with artistic research, four years ago, I had a very interesting contact with Marcius Galan<sup>1</sup> in a workshop. He told me: "This experience with design will never leave you, and it is not a problem: it will influence the way you approach objects. Start to become more aware of it and take advantage of it. Nothing is thrown away." Design is expected to respond to a certain type of problem: visual, commercial, ergonomic, etc. However, when I am operating in the universe of artistic research, I am entering the orbit of speculation, of becoming, of possibilities, of the elaboration of questions. This changes the character of the project in everything, which logically tends to move away from function and response. I am not, within the field of art, committed to presenting solutions.

**(EJ) Your work often starts from the urban space and its issues. How did this interest in the city and its flows arise?**

(DD) I was born and raised in the East Zone of São Paulo. Obviously a huge city and commuting from home to solve anything outside the neighborhood results in an immense displacement. During the 80s and 90s, I experienced these shifts, always with great enthusiasm and curiosity. Any such event always involved at least one subway ride and depending on the destination plus one or two bus trips. There are things in São Paulo that you only do by car if you're crazy. My father always flatly refused to drive to the center and made exceptions only in essential cases, but I think these never existed. At the end of the 90s, displacements were getting bigger and more frequent, at the same time that my critical sense developed as social and spatial dynamics became clearer for me.

At the beginning of 2002, *Arte / Cidade Zona Leste*<sup>2</sup> took place. In addition to the interventions part of the event, several groups of artists rented or occupied warehouses along Radial Leste, creating a program parallel to *Arte / Cidade*. It was a very intense experience for me to seek all interventions, walk on foot in places where I only passed on the bus or the subway train and also a moment to realize that there was a lot to understand about the socio-spatial dynamics and of the region where I lived.

Later, I came across a study on the East Zone coordinated by Raquel Rolnik<sup>3</sup>. Reading that was fascinating. From there, I managed to make intersections between important moments of the urbanization of the city and the trajectory of my family that provided me with precise answers about what determines their place in the city. These

dynamics started to interest me a lot, especially those that are made explicit through displacement. Certain regions- and this can fluctuate between center and periphery, depending on the moment in which the region in question lives- carries very strong stigmas of poverty and violence. These conceptions are made explicit with the displacement of the individual from stigmatized areas to the so-called consolidated urbanization sites. This is what I decided to call "geographic constraint". This constraint is a powerful disarticulator and results in a great difficulty for these people to develop any feeling of belonging to the city as a whole.

Since then, I have collected notes and fragments on these topics; I manage this information and perceptions as my research object and, from there, I slowly build my proposals.

**(EJ) The work you present at Memorial Minas Gerais Vale is one of these systematization processes, taking into account the typical tensions of the urban space. This time the focus is on cars, empty spaces and parking lots. Tell us about your proposal.**

(DD) As I said earlier, the flows of the city have always interested me. The elaboration of this project is the third exhibition exercise around parking lots, which I have been dealing with since 2013.

In *célula/vaga* I work with a hypothetical possibility of access to the space of a vacancy. By recognizing parking as a transitory space, intended only for the storage of goods and limited to the permanence of people, the work proposes, in the hypothetical field, a hybrid access to that space: possible for shelter and the permanence of people.

We must not forget that a vehicle, even when used daily by its owner, tends to spend about 80% of its useful life stopped. So, in the presence of a car, a vacancy becomes a non-existent space; but the most absurd of the question is that in its absence, it is still an impossible space ... And this presence / absence of space cancellation is little or almost questioned, both on public roads and in private parking lots.

In an attempt to implant a habitable, fragile and precarious cell, inside a private parking lot, I produce, in a contradictory way, a new layer of privatization of this space, exposing its potentiality from a procedure that somehow reinforces the norm.

\*

**Eduardo Jesus** is a professor in the graduate program at the Faculty of Communication and Arts at PUC Minas. He works at *Associação Cultural Videobrasil*. He is a curator working in the audiovisual, contemporary art and technology.

1. Marcius Galan, São Paulo artist with a long previous career in graphic design  
<http://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/marcius-galan/>
2. Series of international exhibitions focused on urban interventions and spatial practices organized by Nelson Brissac Peixoto.
3. ROLNIK, Raquel. "Urban restructuring of the São Paulo metropolis: analysis of territories in transition". São Paulo: PUC, 2004.